



SENSACIONAL FLAGRANTE

Momento exato em que um soldado-pirata francês atirava ao mar o piedoso jesuíta Pedro Dias. Sobre as águas seus 4 companheiros que o precederam se debatem numa tentativa inútil para sobreviver.

Isto se deu a 13 de setembro de 1571. Antes, em 15 de julho de 70, mais de meia centena de jesuítas e o homem que vinha assumir o governo brasileiro, foram vítimas de outros piratas também franceses. Dêsse primeiro massacre estampamos doloroso flagrante juntamente com os despachos recebidos dos Açores na página 2 desta edição, sob o título "Piratas franceses massacraram 50 jesuítas em alto mar"

no brega

Rio de Janeiro, 17, outubro, 1570

Depois de despedir-se de todos os amigos, morreu hoje, no colégio dos jesuítas o padre Manuel da Nóbrega.

As pessoas a quem procurara para apresentar despedidas estranhavam que ele fôsse fazer alguma viagem, quando não havia embarcações na cidade. Mas Nóbrega dizia que a viagem para a qual se preparava «não tinha mesmo necessidade de navios.»

Sua morte entristeceu a cidade. Ele foi o responsável pelo empreendimento que resultou na fundação do Rio.

Nóbrega aqui estava há três anos e com seus conselhos ajudou a salvação de muita gente. Na Companhia de Jesus assinalou-se por seu zelo apostólico. Tinha 53 anos de idade e fôra, recentemente, reconduzido a Provincial dos Jesuítas. Durante 20 anos sacrificou sua saúde pelo bem do país.

Seu sepultamento será no pátio do colégio dos jesuítas no alto do morro do Castelo.

Na gravura reproduzimos fac-símile de uma das últimas assinaturas de Nóbrega.

CRIME NO RIO NÃO DÁ CADEIA

Rio de Janeiro, 30, dezembro, 1571 (Exclusivo)

Um porque faz telhas, outro porque é criado do tesoureiro e vários outros porque vivem numa terra «que é como é», os acusados de crimes vêm obtendo os favores da fiança e respondendo soltos aos processos policiais.

Já publicamos um levantamento estatístico do número de delitos praticados no Rio. Os índices foram elevados, tendo-se em vista que a cidade mal completara 4 anos de sua fundação.

Hoje asseguramos: o Rio é uma cidade onde o crime compensa. Nestes dois anos, 14 delitos foram apurados, envolvendo 18 acusados. Entre eles figuram altas personalidades.

O alcaide Francisco Fernandes viu-se às voltas com a justiça duas vezes. O tabelião Manuel Gomes, uma vez.

Eis alguns despachos do governador Salvador de Sá: Domingos Alemão (reincidente) como é criado do tesoureiro e almoxarife Rui Gonçalves, teve sua fiança concedida nos seguintes termos — «conceda-se, por ser a cidade como é». Duarte Martins Mourão é fazedor de telhas, profissão de grande utilidade. Solicitando fiança, obteve-a «já que sua profissão é de grande interesse para a povoação do Rio».

Entre os 18 acusados, há uma mulher — Ana Dias. Seu crime não foi revelado. Mas sabe-se que mexerico é delito previsto em lei e Ana é mulher.

EXCOMUNGADA ELIZABETH RAINHA DA INGLATERRA

Drástica medida do Papa em bula denominada «Regnans in Excelsis» — Reação sangrenta da mulher que rege os destinos britânicos, contra os católicos e a autoridade papal

(SENSACIONAIS NOTÍCIAS NA PÁGINA 2)

o Brasil em Jornal

1570/71
N.º 26

"A HISTÓRIA EM NOTÍCIA"

Preço único
Cr\$ 15,00

Prêso "Padre de Ouro"

Olinda, 25, abril, 1571 (Correspondente)

Foi prêso hoje o padre Antônio Gouveia, acusado de magia negra.

O acusado, mais conhecido como «Padre de Ouro», será enviado a Lisboa, onde responderá a processo por crime contra a fé religiosa.

Rússia banhada em sangue

Moscú, 1571

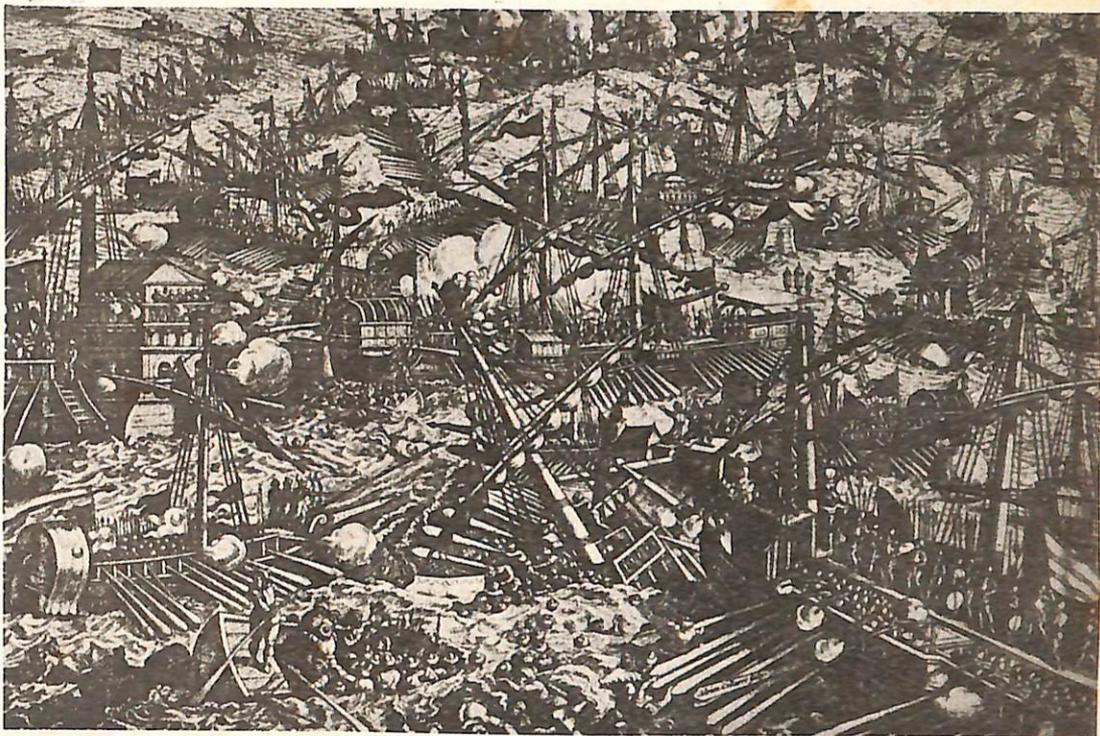
Uma horda de 130 mil tártaros da Crimeia incendiou esta cidade e massacraram mais de 300 mil pessoas, levando nada menos de 130 mil prisioneiros escravizados.

O saque de Moscú sucede a um outro massacre que ensanguentou a Rússia no ano passado, quando o czar Ivan, o Terrível, inva-

diu Novigorod e, sob o pretexto de que ali se escondiam simpatizantes da Polônia e traidores do governo, chacinou a população durante cinco semanas consecutivas.

Houve dias em que o número de executados nas ruas pelos «oprithnikis» de Ivan subiu a 1.500.

Para não perder tempo, afogava-se gente aos punhados nos rios da cidade.



LEPANTO, MARCO DA CRISTANDADE

Um jovem de 26 anos, d. João da Austria, alcançou a maior vitória naval de todos os tempos, comandando uma frota de mais de 200 galeras espanholas, venezianas, papais, genovesas, maltenses etc. Os derrotados (fragorosamente) foram os otomanos que, no golfo de Lepanto, experimentaram o maior desastre marítimo da sua história. Os mortos subiram a cerca de 30 mil cristãos e turcos, sendo as perdas destes últimos quase que totais. A batalha durou pouco mais de 5 horas. O BRASIL EM JORNAL dedica duas páginas desta edição ao noticiário recebido do nosso enviado especial Hans Noll, soldado do Vaticano, assim como aos inúmeros despachos de outros correspondentes que destacamos para acompanhar os preparativos, o desenrolar e as consequências da batalha naval entre cristãos e otomanos.

Na gravura, exclusiva de O BRASIL EM JORNAL, um extraordinário flagrante da terrível batalha no momento mais confuso do choque das galeras cristãs com as fustas otomanas. O extenso noticiário sobre os acontecimentos do Mediterrâneo vai publicado nas páginas 6 e 7 desta edição.

PADRES VÃO RECEBER 20 MIL RÉIS

Salvador, maio, 1570 (Correspondente)

Por lei, e a título de ajuda, cada religioso nesta cidade teria a receber, anualmente, dos cofres públicos, 20 mil réis. Mas, como não há dinheiro, cada padre está recebendo menos da metade a que tem direito.

Foi o que nos revelou o reitor do colégio de jesuítas desta capital, padre Gregório Serrão.

— O que não recebemos em dinheiro, fica-nos creditado por letras, que não sabemos quando serão resgatadas, frisou Serrão.

Agora, em virtude das dificuldades por que estão passando, o rei D. Sebastião decidiu que os padres sejam pagos de qualquer maneira.

O reitor Serrão acredita que, com isso, talvez acabem os problemas dos religiosos.

Excomungada Elizabeth

Roma, 25, fevereiro, 1570

O Papa Pio V publicou hoje a bula «Regnans in Excelsis», excomungando a rainha Elizabeth, da Inglaterra, e destituindo-a do poder divino atribuído aos reis.

O motivo principal do ato de Sua Santidade foram as providências excessivamente violentas tomadas por Elizabeth para esmagar a revolta católica do seu país. Assim que Pio V tomou conhecimento dessas providências, preparou a bula.

REPRESALIA

Londres, março, 1570 — Logo que a notícia da excomunhão chegou a esta cidade, o Parlamento inglês tomou energéticas medidas de represália e promulgou uma legislação anti-

católica severíssima que pune como traição todos os atos que reconheçam a autoridade pontifical do Papa

A REVOLTA DOS «EARLS»

Londres, dezembro, 1571 — Cerca de 800 partidários da revolta que estourou em novembro de 1569 para destituir Elizabeth já foram executadas. A rebelião teve caráter muito sério no princípio, pois os clãs irlandeses revoltados chegaram a invadir templos protestantes e pisar o «Prayer Book».

Os líderes dessa rebelião — os «earls» — são na maioria condes do norte da Inglaterra, ligados aos católicos da Espanha, da França e com apoio do Papa. O principal objetivo da revolta era colocar Maria Stuart no poder. Os cabeças dessa corrente foram os con-

des de Northumberland e Westmoreland, que acabaram tendo que fugir para a Escócia.

Maria Stuart também sofreu as consequências das perseguições. Foi transferida da prisão suave em que estava para uma outra mais próxima do poder de Elizabeth.

NORFOLK AMEAÇADO

Londres, dezembro, 1571 — Elizabeth não resolveu ainda mandar decapitar o duque de Norfolk, o último dos grandes nobres de sangue azul. No entanto, a participação dele no plano para matar a rainha foi comprovada pelo próprio Cecil.

Sabe-se que Elizabeth é contra a execução de pessoas de sangue azul.

Piratas franceses massacraram 50 jesuítas em alto mar

Açores, 14, setembro, 1571 (Urgente)

Aos gritos de «mata, porque vão semear doutrinas falsas no Brasil», corsários calvinistas de França liquidaram, em alto mar, mais de 50 jesuítas e as autoridades portuguesas que tentaram defendê-los, entre estas o recém-nomeado governador Luís de Vasconcelos.

Tal morticínio ocorreu em dois encontros, um em 15 de julho do ano passado e outro ontem, próximo a estas ilhas. Os responsáveis pelo assassinio dos jesuítas são Jacques Sore e Jean Capdeville.

FATALIDADE

Os dois encontros são acontecimentos que se interligam. Em junho do ano passado, na nau Santiago, partiram de Lisboa os jesuítas, sob a direção de Inácio de Azevedo, antigo visitador da província jesuítica do Brasil.

Pouco mais tarde, com destino ao Brasil, aonde ia empregar-se no governo do país, embarcava D. Luís de Vasconcelos.

Quando a Vasconcelos apuramos que o mar já deixara profundas marcas em sua vida. Há pouco mais de 10 anos, quando saía de Lisboa para a Índia, seu navio fez tanta água que quase naufragou. Os pescadores de Alfama consideraram o acontecimento castigo divino, pois o pai de Vasconcelos era apontado como responsável pela extinção de tradicional festa religiosa de pescadores. Nesse mesmo ano, o navio de Vasconcelos acabou naufragando na costa africana, morrendo afogados mais de 200 tripulantes.

SORE NO CAMINHO

O navio dos jesuítas e o do governador chegaram à ilha da Madeira em 12 de junho do ano passado. O governador quis ficar algum tempo na ilha e, como o navio de Inácio de Azevedo tinha de carregar e descarregar mercadorias na ilha das Canárias, os jesuítas decidiram aproveitar o bom tempo e seguir viagem, contra o parecer de Vasconcelos.

A bordo viajavam Inácio de Azevedo e 39 membros da Companhia de Jesus. Ao largo das Canárias, foi avistada a frota corsária de Jacques Sore.

«MATA, MATA!»

Os comandados de Sore tentaram a abordagem da nau «Santiago», mas os primeiros invasores foram mortos pelos raros defensores do transporte religioso.

Padre Inácio de Azevedo, com a imagem de Nossa Senhora nas mãos, tentou enfrentá-los. Um pirata atingiu-o com uma lançada na cabeça e prostrou-o no chão, sobre a imagem da Virgem. Outro atacante desferiu-lhe mais duas lançadas, tentando tirar-lhe a imagem das mãos, sem o conseguir.

O padre Diogo de Andrade abraçou-se a Azevedo e foram ambos trucidados. Em seguida, atiraram-nos ao mar juntamente com a imagem.

A seguir, aos gritos de «mata, mata, que vão ao Brasil ensinar falsa doutrina», os piratas calvinistas passaram os jesuítas a fio de espada.

VINGANÇA ADIADA

Ao se saber na ilha da Madeira o que ocorrera com os jesuítas de Azevedo, os restantes, sob as ordens do Padre Pedro Dias e do próprio governador Luís Vasconcelos, organizaram uma expedição.

A esquadra chegou quase à vista do Brasil, mas não pôde dobrar o cabo de Santo Agostinho, dado o mau tempo. Os ventos contrários a arrastaram em direção das Antilhas espanholas. Daí, com muita dificuldade, conseguiu voltar aos Açores, onde encontraram o padre Francisco de Castro e três irmãos que aqui haviam chegado em outro navio.

Todos juntos, partiram, há dias, rumo ao Brasil, outra vez. Mas estava determinado que não chegariam. Após a

viagem inicial que os esgotara, contavam com poucos elementos para defender-se de qualquer ataque corsário e justamente se encontraram com os piratas (franceses e ingleses) de Jean Capdeville.

No encontro que logo se travou, os piratas abateram Luís de Vasconcelos, que tentava impedir a abordagem do navio em que viajavam. Os jesuítas (15 ao todo), foram alguns afogados e outros mortos em combate. Salvaram-se dois. Um deles para escapar à morte vestiu-se de marinheiro. Diogo Fernandes, lançado vivo ao mar, conseguiu salvar-se a nado encontrando uma nau que o recolheu.



Foi no dia 15 de julho de 1570. 40 jesuítas foram afogados em alto mar por piratas franceses. Ainda na amurada, seu chefe, padre Inácio de Azevedo, sustenta o crucifixo na mão direita. Pouco depois morria com seus companheiros.

MÚSICA



ÁRIA PARA BEBER — A «Ária para Beber» é uma pequena composição vocal, de inspiração báquica, para uma ou muitas vozes, com ou sem acompanhamento instrumental, e que pode tomar tôdas as formas, das mais simples às mais refinadas. Suas origens longínquas se confundem com as celebrações da bebida, desde as mais remotas eras: já era assunto no «Daphnis et Chloé», de Longus. Mas se revela sobretudo na Europa, a partir do século XIII, no apogeu de sua popularidade. Agora, no século XVI, está atingindo camadas mais elevadas e sendo tratada com mais dignidade.

A gravura mostra a canção para beber, em sua fase áurea entre o povo, há dois ou três séculos atrás: uma taberna européia, com seus tipos populares, numa festa regada a muito vinho e que não poderia deixar de ser acompanhada pelas canções que, na Grécia antiga, seriam em honra do deus Baco, mas que aqui são apenas partes da «Ária para Beber».

ACADEMIA — O poeta Baif e o músico Thibaut de Courville acabam de fundar em Paris, neste ano de 70, uma academia para poetas e músicos. Nela, os poetas da «Pléiade» se exercitam em versos metrificadas à antiga e seus trabalhos são musicados por Claudin.

Elizabeth venceu profecias

Londres, novembro, 1571

O povo festejou nas ruas a passagem do 13º aniversário da coroação de Elizabeth como rainha da Inglaterra. A data teve este ano comemoração excepcional porque desmente as profecias feitas quando ela subiu ao trono. Segundo os astrólogos, o reinado de Elizabeth não duraria 13 anos, pois ela morreria antes disso.

Neste mês ela entra no seu 14º ano como rainha, vencendo assim a força das profecias que têm grande valor para o povo.



O quadrilátero de granito, que é o palácio, leva a marca indisfarçável das modernas construções italianas. Da porta, que vemos no fim do corredor que divide em dois o pátio, é que se entra para o grande saguão. A ilustração, de um ângulo muito feliz, sem dúvida, mostra também a bela lanterna sextavada, sobreposta à cúpula do Palácio.

Luxo e riqueza abrigam pobres de Toledo

Toledo, junho, 1570 (Do nosso enviado especial)

A notícia correu tôda a Europa em pouco tempo: em Toledo há um asilo-hospedaria que é das coisas mais luxuosas de tôda a Espanha. Este repórter de O BRASIL EM JORNAL, que se encontrava na nova capital espanhola, Madri, resolveu prolongar seu giro pelas terras de Castela, indo a Toledo, para não deixar de dizer a nossos leitores alguma coisa sôbre este monumento que tem impressionado a tantos. E eis-nos aqui. Será difícil transmitir a impressão que nos ficou. É destas coisas que não se descrevem. Mas vamos pelo menos contar, em seus mínimos detalhes, o que foi nossa visita e, mais rapidamente, o que é essa instituição e o que tem essa construção, relativamente nova, mas tão famosa, já.

«Sim, é realmente um palácio senhorial, porque foi feito para receber os pobres e os pobres representam Nosso Senhor Jesus Cristo», foi a primeira coisa que nos disse o senhor de Medinacoeli, atual proprietário do Asilo de S. João Batista e sobrinho e herdeiro de seu fundador, o cardeal Tavera. E prosseguiu: «Essa mesma frase foi dita por meu tio durante a construção do palácio, a um dos muitos que se espantaram com tanto luxo, e eu a repito frequentemente, porque com quase todos, como com esse e como senhor, acontece a mesma coisa.»

«A construção prolongou-se por vários anos e, por isso, o cardeal, que morreu em 1545, não pôde vê-la concluída, mas todos os seus desejos, graças a Deus, têm sido seguidos à risca.»

INÍCIO DA CONSTRUÇÃO

«No último dia do ano de 1540 — continuou Medinacoeli — os edis de Toledo se reuniram em assembléia extraordinária, para ouvir a leitura de um requerimento do cardeal, na ocasião, arcebispo da cidade. O nobre prelado solicitava a cessão de um terreno situado fora da zona urbana, perto da zona de Visagra, para aí edificar um asilo de caridade «mui suntuoso» e que teria S. João Batista por padroeiro. Não somente a proposição foi aprovada por unanimidade, como seu autor recebeu calorosos elogios de todo o Conselho.»

«Os trabalhos iniciaram-se logo a seguir. Em 1541, donos de pedreiras e seus operários festejaram o assentamento da primeira pedra — um grande bloco de granito cinzento — o mesmo material que está sendo usado para a construção do Escorial, na nova capital, Madri.

«O plano foi desenhado por Bartolomeu de Bustamante, aluno de Bramante, que se inspirou nos modernos modelos italianos, passando-o, entretanto pelo crivo da austeridade espanhola.»

Eis, em rápidas palavras, o que é esse plano: o edifício principal está no centro de um grande pátio, cercado por duas fileiras de colunas, umas dóricas, outras jônicas. Seu saguão principal é um grande quadrilátero, com poucas janelas e, no teto, uma cúpula sextavada, terminada por uma pequena torre. Dêsse saguão, acompanhados por Medinacoeli, passamos a percorrer tôdas as outras dependências.

Na sala-de-estar, imensa, entre outras preciosidades, a suntuosa mobília chamou-nos a atenção.

Depois fomos à botica, que é o que mais impressiona no Asilo: um verdadeiro laboratório de alquimia. Milhares de potes, jarras, retortas, vasos, garrafas, redomas, dispostos nas prateleiras azulejadas. Balanças, pilões, medidas diversas, tubos de ensaio e uma série de outros pequenos objetos, todos sôbre capitéis de colunas romanas, completam o curioso e mágico ambiente. Num armário, ao fundo, Medinacoeli mostrou-nos os ingredientes usados para a manipulação dos diversos remédios: ervas, pós, pedras preciosas etc., e foi nos explicando: «A poeira de jaspe, por exemplo, cura qualquer hidropisia; a safira é tiro-e-queda nas dores de cabeça, como o topázio para a hemorragia e a esmeralda para o «grande mal». Sem falar nos fabulosos poderes que tem a pérola, filtro do amor, e o jade, elixir da imortalidade, com uma pedrinha do qual sempre pressionamos ligeiramente a boca dos mortos. Esta botica é a melhor prova de que o lema de Tavera — «abrigar e tratar de tôdas

as misérias humanas» — continua sendo respeitado.

HOSPEDOU OS REIS

Quando entramos no quarto mais luxuoso do palácio, nosso ilustre cicerone exclamou: «Eis o quarto em que o soberano hospedou-se!»

«— Como? O rei hospedou-se aqui?» pedimos, surpresos, a confirmação.

«Então o senhor não sabe? Em 1560, Filipe II e Isabel estiveram residindo aqui, durante a visita que fizeram a Toledo. Desta janela em que o senhor se encontra, ambos contemplaram uma das mais belas festas que Espanha já viu, e foi dêste mesmo quarto que, pouco depois, o soberano armou-se para participar de um torneio.»

«Outro que tivemos a honra de receber aqui foi o virtuoso franciscano Pedro de Alcântara, que há oito anos repousa na glória do Senhor.»

De volta ao pátio, já à saída, Medinacoeli levou-nos à capela, encantadora. Sua cripta, destinada a guardar os restos de tôda a descendência da família, é, pelo menos, do mesmo tamanho que terá a do Escorial, cujo projeto conhecemos.

Não encontramos palavras para agradecer a solicitude com que o senhor de Medinacoeli nos recebeu e percorreu, conosco, todo o palácio. Muito mais difícil ainda é transmitir a impressão exata que nos fica da visita. É preciso ir ao palácio para sentirmos, em nós mesmos, tôda a atmosfera estranha que só este fabuloso país nos transmite: a Espanha.



A BOTICA

A peça mais curiosa do palácio. Um dos seus cantos, que além da curiosidade, tem beleza também. As prateleiras, coalhadas de potes com suas drogas, têm, na parte da frente, maravilhosas aplicações de azulejos.

ENSINO

MONTPELLIER

Uma das faculdades de Medicina mais famosas e respeitadas em tôda a Europa de nossos dias é ainda a da Universidade de Montpellier. Uma outra academia está se projetando de maneira impressionante: a protestante de Saumur, que acolhe numerosos estudantes vindos do norte.

LÍNGUA FRANCESA

A língua francesa está dominando os meios intelectuais da Inglaterra. Não há um homem de cultura, um bom estudante que não saiba a língua de Villon. Um doutor inglês atualmente que não fale francês não é olhado com o mesmo respeito.

Por outro lado, nas universidades de Orléans, Montpellier, Poitiers, existem verdadeiras colônias escocesas, pela amizade que une França e Escócia.

SERMÃO

Continua em vigor a Bula do Vaticano de 1565 que obriga todos os candidatos a doutorado nas Universidades a fazer um longo sermão sôbre religião.

«MÁRTIRES»

Em 1568 um dos decanos da Universidade de Oxford, fugindo à política protestante de Elizabeth, chegou a Donai, nos Países Baixos e fundou uma espécie de Cidade Universitária com a colaboração de professores de Direito.

O «Colégio Inglês» ou «Seminário dos Mártires», como já está sendo chamado, destina-se à formação de padres, que poderão ser mais tarde cabeças-de-ponte para a entrada do catolicismo na Inglaterra.

Morreu Frei Palácios

Vitória, 1570 (Correspondente)

Morreu o santo eremita Frei Pedro Palácios, que, vindo de Portugal, trouxe para esta capitania o culto de Nossa Senhora da Penha, o qual Simon Vela difundia na Espanha, depois de haver descoberto a famosa imagem da serra de França. Daí a invocação de Nossa Senhora da Penha de França.

Frei Pedro Palácios construiu no respaldo dum monte, junto à chamada Vila Velha, uma pequena ermida, rodeada de palmeiras, onde depositou a tela com a primeira imagem daquela Nossa Senhora que veio para o Brasil. Durante anos ali viveu, convertendo os pagãos e edificando a todos pela santidade de sua existência dedicada a Deus e ao próximo.

EDITORIAL

A Significação de Lepanto

Este editorial vale por um canto de vitória que renda graças a Deus pelo triunfo das armas cristãs sobre os infiéis. Em nosso número passado, noticiando o ataque dos turcos às possessões venezianas na ilha de Chipre, afirmamos que a Sereníssima República não ficaria sôzinha diante da terrível ameaça que pretendia o domínio naval do Mediterrâneo. Temos o prazer de verificar que isso ocorreu. De fato, tendo o poderoso Império Otomano estendido suas garras até as Regências Barbarescas e sendo dono do Egito, desde que esmagasse o poder naval dos Doges, se tornaria o único senhor das águas, do Egeu ao Tirreno, de vez que a Ordem de Malta se veria isolada e a Espanha teria de enfrentar sérias lutas, tanto sobre o mar interno como sobre o oceano, onde surgiam perigosos rivais, como a Holanda e a Inglaterra.

Compreendeu isso Sua Santidade o Papa, compreendeu isso o Governo de Filipe II. Dessa compreensão surgiu a Santa Liga, cuja poderosa Armada acaba de destruir o poder marítimo otomano no estreito de Lepanto. Esta é uma grandiosa vitória que será cantada pelos séculos além, tal o seu significado em face da história européia. Ao Grão Turco que já fôra detido em terra depois da espetacular tomada de Constantinopla e da conquista das regiões danubianas, o generalíssimo católico D. João d'Áustria, que se coroou de louros imortais, deteve agora no mar. Lepanto é o marco de onde nunca mais passará no seu anseio de expansão.

Na história da civilização, grandes batalhas terrestres decidiram a sorte da humanidade ocidental. Em Zama, Cipião impediu que o mundo se tornasse cartaginês. Em Châlons, Aécio fez recuar os hunos para sempre. Em Poitiers, Carlos Martel deteve o alude sarraceno. Em Lignícia, a cavalaria feudal germânica pôs um ponto final na invasão mongólica. As portas de Viena, Sobieski parou o avanço dos osmanlis. E agora, no mar, D. João d'Áustria mata de vez as pretensões turcas de domínio do Mediterrâneo.

Esta peleja vitoriosa tem ainda uma significação especial. Terminando com a ameaça mulçumana na retaguarda das potências cristãs, sobretudo da Península Ibérica, vai permitir que empreguem um esforço maior e mais constante na obra imortal em que estão empenhadas de alargamento da terra, de conquista material e espiritual de povos até agora ignotos, de aumento dos conhecimentos, experiências, confortos e riquezas do homem. Lepanto é a grande vitória daquilo que ousamos denominar a Ocidentalidade. É a sua afirmação de que esta assumirá o comando dos destinos dos povos até que uma outra mensagem nasça de novas condições de vida, até que outro signo se torne o denominador-comum da marcha de nossa civilização. Até esse momento futuro, a bandeira de Lepanto continuará içada e tremulando no bafejo da glória.

Desaparece Villegagnon

Beauvais, França, 1571 (Do correspondente)

Morreu o homem que sonhou conquistar para a França as terras do Brasil, almirante Nicolau Durand de Villegagnon.

Villegagnon, sobrinho do grão-mestre da Ordem de Malta, antes de sua aventura no Brasil, foi o responsável pelo rapto de Maria Stuart.

Foi uma expedição sob seu comando que invadiu o Rio de Janeiro, onde fundou o forte de Coligny. Aborrecendo-se com os colonos, regressou à França, onde se entregou a longas discussões teológicas com Calvino.

Villegagnon nasceu em 1510, em Provins, e morreu como representante, em França, da Ordem de Malta.

A MODA COMO ELA É

ARAME NA ELEGÂNCIA



Na Inglaterra da rainha Elizabeth, ela mesmo uma elegante, as mulheres estão-se valendo de todos os recursos para acentuar suas bonitas linhas. No modelo que hoje exibimos, detalhamos: a touca, armada em arame, e enfeitada de pérolas, sobre a peruca (grande moda). Em volta do pescoço uma belíssima gorjeira, também armada sobre arame. Com tais adereços, as mulheres inglesas estão fazendo enorme sucesso e impressionando suas vizinhas francesas.

LIVROS E AUTORES

É espantosa a penetração que estão alcançando os livros do grande poeta francês Pierre Ronsard. Em todos os grandes países ele é, não só lido, como imitado pelas novas gerações. Está formando verdadeiras escolas. Dal, em vários países já apelidaram os grandes poetas de «Ronsard» nacional...

O jovem escritor francês Jean de la Taille acaba de lançar, em estilo que imita fielmente a técnica de Maquiavel, o «Príncipe necessário». Nêle, o autor exorta à paz protestantes e católicos.

Ainda a 4 anos do tercelro centenário da morte de São Tomás de Aquino, e já se prepara para festejar o acontecimento. Assim, em Roma, acaba de aparecer, em 18 volumes, «in folio», uma edição completa de todas as obras do grande filósofo cristão. Trata-se do «Opera Omnia».

João de Barros, um dos maiores humanistas portugueses deste século, morreu, neste ano de 1570, com 74 anos. O ex-felto da Casa da Índia, provavelmente, passará à História como o autor de «Ásia», obra dividida em décadas, de crônicas sobre aquele continente. Mas o colunista confessa muito particularmente que prefere a «Ropica Pneuma», romance de cavalaria que já anunciamos aqui e que está proibido e tem todos os exemplares recolhidos desde 1564, pela censura inquisitorial: uma prosa tão viva que nos faz lembrar o Teatro de Gil Vicente.

Acaba de aparecer, em Portugal o «Tratado das coisas da China e de Ormuz». Seu autor é Irel Gaspar da Cruz.

Recém-nomeado bispo de Auxerre, na França, o escritor Jacques Amyot, tradutor de obras de Plutarco, Longus e Heliodoro, está preparando agora a tradução das «Obras morais», de Plutarco, para lançá-las no próximo ano.



Um livro de justificativa sobre o que fez no Bearn, «Comentários», de Blaise Montluc. Explicações sobre morticínio. Apareceu em Paris.

Teresa de Jesus escreveu, em segunda redação (modificada), o «Caminho da Perfeição».

DECORAÇÃO

DO BOM E DO MELHOR

Eis uma rica cozinha alemã, nos preparativos de uma refeição, que será um banquete. A criada trabalha sob as vistas da senhora e da menina da casa, e em meio a uma profusão incrível de aves e animais (vivos e mortos). Mas a quantidade de legumes em uma das cestas é que deve estar causando maior inveja aos europeus que vivem nas colônias americanas e se queixam freqüentemente da dificuldade de conseguí-los. E, é claro, o luxo da casa. Não tanto as aves e o pescado, que caça e pesca são abundantes nas selvas americanas. As maravilhas do conforto: os alemães têm água dentro da própria casa. Um dos criados retira a água do poço, nos fundos da cozinha, à esquerda da gravura.



Estava vivo Martim Afonso?

Lisboa, maio, 1571 (Urgente)

Segundo se informa, só agora teria morrido Martim Afonso, sendo sepultado na igreja do convento de São Francisco. Ao manifestarmos nossa estranheza pela notícia, um elemento ligado ao governo desculpou-se dizendo que muita coisa foi anunciada «contra os interesses do país e, portanto, a antecipação da morte de tão leal servidor não o impressionava.»

«Martim, disse ainda, estava vivíssimo, quando, em novembro passado, renunciou a favor de Sebastião de Moraes um padrão de juro a que tinha direito. Tentaremos, agora, que o rei D. Sebastião ajude seu filho Pero Lopes de Sousa, com uma pensão.»

N. da R. — A primeira notícia da morte de Martim Afonso foi-nos transmitida quando no Brasil se preparava uma expedição contra os franceses no Rio. Em Lisboa, naturalmente alheio a seus interesses, o ex-governador do Brasil e da Índia, pouca importância deu a suas doações brasileiras. A notícia foi por nós veiculada em editorial; e nem assim tirou Martim Afonso de seu injustificável mutismo.

"CRUZ DE GASTINES" FOI RETIRADA

Paris, 19, dezembro, 1571

Por exigência do almirante Coligny, Carlos IX mandou retirar, na noite de ontem, a cruz que estava colocada sobre a pirâmide construída no local onde havia a casa do comerciante huguenote Filipe de Gastines.

Houve, por isso, uma reação muito grande e alguns populares chegaram a tentar invadir o «Hôtel de Ville».

A casa de Gastines foi arrasada há algum tempo, porque descobriu-se que ali era local de pregações protestantes. Na ocasião, Gastines foi enforcado na praça de Grève.

Agora, os huguenotes consideraram a «Cruz de Gastines» como uma afronta a sua causa.

O BRASIL EM JORNAL

R. México, 119, 12º and. grupos 1.202/8 — Tel.: 22-6807

SEDE PRÓPRIA
End. Teleg. REFORMA - Rio

Direção
AMARAL NETTO
Assessoria
GUSTAVO BARROSO
JAYME COELHO
Redação
CLAUDIO SOARES
RUBEM DE AZEVEDO LIMA
ZUENIR CARLOS VENTURA
MARCOS DE CASTRO
Paginação
WALDYR FIGUEIREDO
Ilustração
ADAIL
Revisão
GABRIEL CHAVES DE MELO

Assessor da Diretoria
LUIZ PIETSCH JUNIOR

São Paulo
AGENCIA POLANO
Rua João Bricola, 32

ASSINATURAS (ANUAIS)
24 Nos. SIMPLES... Cr\$ 300,00
24 Nos. AEREA... Cr\$ 350,00

Arquitetura enlutada: De L'Orme e Tatti



DE L'ORME

Paris, 8, janeiro, 1570

Dois meses antes de completar 60 anos, quando ainda poderia dar à França e ao mundo muito de sua capacidade criadora, morreu hoje nesta cidade o grande arquiteto Philibert De L'Orme.

Das cerca de quarenta obras importantes que deixou por todo o país, o Palácio de Anet, o Castelo de Fontainebleau e o Castelo das Tulherias, (em fase de acabamentos desde o ano passado), ficarão, sem dúvida, como as principais.

Ao lado de Pierre Lescot, o construtor do Louvre, De L'Orme, que foi inspetor-geral das construções reais, passará para a História como um dos principais arquitetos deste século.

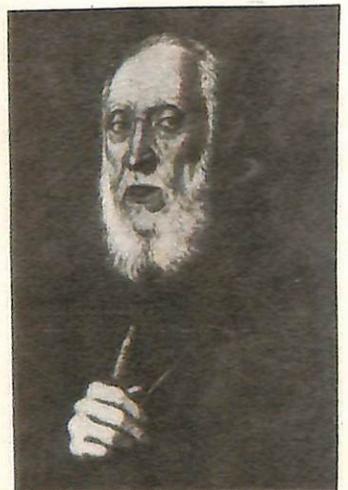
MORRE «SANSOVINO»

Veneza, 27, setembro, 1570

Jacó Tatti, o «Sansovino», morreu hoje nesta cidade a que deu um ar triunfal esplêndido e arrogante com suas esculturas e edifícios.

Sansovino, que desaparece aos 84 anos, nasceu em Florença, em 2 de julho de 1486, e recebeu esse apelido de seu mestre Andrea Cantucci, natural da cidade com esse nome. Com seu mestre passou-se para Roma. Lá recebeu a influência de Miguel Ângelo e imitou a escola helenística, com suas colossais figuras.

A partir de 1527, estabeleceu-se em Veneza. Sua morte, no mesmo ano do que a de Philibert De L'Orme, priva a Europa de dois grandes arquitetos.



SANSOVINO

O BRASIL EM JORNAL N.º 26

EM SOCIEDADE

Numerosos conselheiros de Filipe II estão fazendo grande pressão para que ele envie reforços para os rebeldes da Inglaterra que no princípio do ano ameaçaram o trono de Elizabeth.

A última peste em Portugal deixou um rastro de misérias. Só em Lisboa, até 1569 tinham morrido perto de 13 mil pessoas. O número de famílias ao desamparo é enorme.

Os fazendeiros no Brasil dizem que o trabalho de um escravo da Guiné vale o de quatro índios brasileiros.

A França termina este ano de 1571 com as maiores esperanças de pacificação, apesar do mal-estar causado nos Estados papais, e sobretudo na Espanha, pela união de protestantes e católicos. Principalmente porque todos sabem que é plano de Coligny unir os franceses para lançá-los contra os espanhóis.

Estamos seguramente informados de que lord Cecil será nomeado lord-tesoureiro ou ministro das Finanças da Inglaterra. Para Elizabeth, só ele pode resolver o problema financeiro do país.

William Cecil é aquele mesmo homem cuja preocupação máxima são os negócios da Marinha. É ele que está dia a dia executando diversos planos para aumentar a Marinha inglesa.

Catarina de Médicis fez votar uma gratificação de 150 mil libras a Coligny, ao mesmo tempo que, apesar de ser ele protestante, lhe deu os rendimentos de uma abadia, num total de 20 mil libras por ano.

Depois de assinada a paz de Saint-Germain o católico Montluc confessou-nos com indignação: «Cansamos de bater nossos inimigos; mas o que ganhamos pelas armas eles retomaram por estes diabos de escrituras».

Elizabeth conseguiu conciliar sua ambição particular com a do reino. Ao mesmo tempo que realiza uma eficiente política financeira, principalmente marítima, trata com todo o carinho sua bolsa particular, procurando ganhar o máximo para sua fortuna pessoal.

Catarina de Médicis, mesmo na casa dos cinquenta, continua praticando todos os violentos exercícios que faz desde a mocidade. Mas não deixou de comer, também, da maneira como sempre comeu: de tudo e

muito, o que faz com que seus médicos assistentes estejam em constante preocupação com seu estado de saúde.

Os protestantes arranjaram nova técnica para conseguir apoio do povo na luta religiosa contra Catarina: estão explorando o fato de Catarina ser florentina e com isso conquistando a simpatia dos extremados nacionalistas.

Estamos seguramente informados de que o novo rei da Suécia, João III, que após seu irmão louco Erico XIV, é absolutamente indiferente em matéria de religião.

Noticiou-se que a rainha regente de Portugal, D. Catarina, estaria disposta a voltar a seu país natal (Espanha), já que está descontente com o comportamento do neto (D. Sebastião), que a evita. O Senado da Câmara de Lisboa dirigiu ao rei apêlo no sentido de que não permita a saída da rainha.

Aplausos pelo brincalhão dos estudantes da Universidade de Coimbra ao rei D. Sebastião, em outubro de 70, iam ocasionando sério incidente entre o rei e os acadêmicos. Ao entrar na Universidade, os estudantes começaram a bater os pés ruidosamente. O rei, surpreso, chegou a desembalhar sua espada e os mestres tiveram de lhe explicar que aquela era a maneira de aplaudir usada pelos alunos. Mas um estudante explicou-nos, reservadamente, que o verdadeiro aplauso inclui ao lado das batidas de pés, as palmas. Sem isso, estavam realmente trocando com o monarca, que dava mostras de ser inimigo do casamento.

O papa Pio V considera o rei de Portugal como seu filho dileto. Mas, ao que nos informou o bispo de Angoulême, não acredita que Sebastião esteja disposto a casar-se.

O rei português, D. Sebastião, lutou na primavera passada, em Evora, com o alferes-mor Luis de Meneses. No segundo encontro do torneio, Meneses, com um golpe de sorte, derrubou a espada das mãos do rei, que teve de apanhá-la no chão. Resultado do torneio: porque D. Sebastião recolheu sua espada com muita elegância, os juizes o proclamaram vencedor.

Um dos boatos mais insistentes nestes últimos anos é o de que Ivan, o Terrível, fez o possível para se mostrar também candidato à mão da rainha virgem da Inglaterra.

Argumento usado pelos pregadores católicos franceses e que tem produzido resultados bons: «É possível que durante quase 16 séculos Deus tenha deixado no erro e privado de sua graça tantos reis, príncipes e o povo do mundo inteiro? Então só agora permitiria Deus que a «verdade protestante» fosse revelada?»

Desde 1569, a doutrina oficialmente adotada na nova Igreja húngara, reformista, anticitológica, é a redigida por Teodoro de Bêze, de Genebra. Foram assim abandonados os princípios essenciais de Lutero. Só na Transilvânia ainda se encontram importantes colônias de saxões que permanecem fiéis ao luteranismo.

Também na Inglaterra, depois de 1549, é o calvinismo que domina, substituindo o luteranismo. Da mesma forma na Escócia e nos Países Baixos.

Félix Peretti, nomeado bispo por Paulo IV, e vigário-geral da sua ordem (franciscana) desde 1566, foi elevado este ano à dignidade cardinalícia.

No auge da luta contra os protestantes, Catarina fez com que seu filho, o rei Carlos IX, pronunciasse a seguinte frase, diante do conselho: «Quanto mais mortos, menor o número de inimigos».

As festividades de recepção ao novo casal — Carlos IX e Margarida da Austria — o qual está formado (por procuração) desde o dia 26 de novembro de 1570, mas que só a 26 de março, entrou nesta capital, ficou a cargo de Ronsard e de Dorat.

O tema que predominou em toda a ornamentação da cidade foi a paz e a união entre a França e o Império. Sob o grande arco do triunfo armado corriam o Rhône e o Danúbio simbolicamente levando o mundo. Nas duas colunas do arco estavam representadas as figuras da Piedade e da Justiça, evocando a divisa do rei: «Pietate et Justitia».

O projeto de Catarina de casa: seu filho, o duque d'Anjou, com Elizabeth de Inglaterra fracassou: o herdeiro do trono da França teve uma cena violenta com sua mãe, recusando o casamento porque, inclusive, considera Elizabeth uma «desclassificada».

Por outro lado, Margarida (Margot) negou-se terminantemente sequer a falar com D. Sebastião. Desta forma, ela deverá se casar com Henrique de Navarra.

Báltico não tem dono

Stettin, dezembro, 1570

As águas do mar Báltico estão finalmente livres. Depois de sete anos de guerra marítima, Rússia, Polônia e Lituânia cessaram as hostilidades e proclamaram, com a liberdade de navegação, o início de uma nova era para aquela região. Terminou, portanto, a célebre questão do «Dominium Maris Baltici».

O acordo foi assinado depois de 90 dias de negociações em assembleia, onde se destacou o sr. Charles de Dauzay, embaixador francês em Copenhague desde 1548 e que goza de muito prestígio aqui. Atuaram como mediadores os embaixadores da Escócia, Inglaterra, Espanha, Brandemburgo e Saxe.

Os estados bálticos abriram mão de algumas de suas reivindicações e em troca receberam certas vantagens. A Estônia passará a pertencer à Suécia, e a Livônia, à Polônia. A Dinamarca, aliada russa, conseguiu manter a ilha Desio, da qual se apoderou antes da guerra. Os direitos do Império Romano Germânico foram totalmente esquecidos no acordo.

Por outro lado, se nesta guerra que desgastou todos os países participantes houvesse vitoriosos, estes seriam os suecos e poloneses, pois foram os que menos perderam.

IVAN NAO GOSTOU

Apesar de ter assinado o tratado de Stettin, Ivan IV não ficou satisfeito com as

condições e disse que não aceitava aquele estado de coisas. Para neutralizar os prejuízos colocou no trono da Livônia o filho de Cristiano III, Magnus da Dinamarca, que é casado com uma das suas sobrinhas.

O QUE É

O Báltico é um mar quase fechado, formado pelo Oceano Atlântico e se comunicando com ele por intermédio do mar do Norte. Está inserido em pleno coração das planícies da Europa escandinávia, central e oriental. É um mar pouco articulado, sem marés sensíveis, pouco profundo (430 metros de profundidade máxima) e pouco salgado, por causa da água doce dos rios tributários.

Os Estados banhados pelo Báltico são a Dinamarca e a Suécia, a oeste; a Finlândia, a Rússia, a Estônia, a Letônia e a Lituânia, a este; e Alemanha e Polônia ao sul.

COLUNA MILITAR

ASSINADO REGIMENTO DE GUERRA

Lisboa, 1570

Acaba de ser assinado e expedido por El Rei D. Sebastião, o Regimento de Guerra, desde algum tempo em estudo e discussão nos conselhos da Coroa. Esse regimento dá nova e eficaz organização às forças armadas do Reino, sobretudo na parte referente às reservas constituídas no seu território sob o nome de Ordenanças. Estende ainda às possessões ultramarinas a existência das referidas Ordenanças, que, dotadas de armamento defensivo e ofensivo, devem estar preparadas ao primeiro alarme para acudir em defesa das autoridades e das terras ameaçadas por invasores estrangeiros ou gentios rebeldes. Esse armamento defensivo no Brasil consta de celadas, morriões e corpos d'armas de algodão, como se chamam os coletes ou couraças acolchoados, que, no calor tropical, aliviam os milicianos do peso dos corseletes de aço e os defendem admiravelmente das setas, geralmente ervadas, dos indígenas, tendo ainda a vantagem de prendê-las pelas barbelas, evitando o seu ricochete na superfície metálica das armaduras. O armamento ofensivo compreende arcabuzes, mosquetes, pistolas, alabardes, piques e espadas, mesmo peças de artilharia, estas fornecidas pelo Estado, aquelas adquiridas pelos organizadores locais e componentes dos Corpos de Ordenanças. Para esse efeito, o Governador Real nomeia comandantes e oficiais dos mesmos as pessoas de prol das localidades, compondo-se a soldadesca da gente do povo. A esses chefes cabe a sustentação, instrução e munição da tropa posta às suas ordens. A Coroa só se encarrega de sua manutenção e pagamento, quando a convoca a seu serviço.

O erário régio somente se responsabiliza em tempo de paz pelo pagamento das forças do exército propriamente dito, — soldados profissionais ou mercenários. Daí a distinção regimental em tropas pagas ou regulares e permanentes, e as não pagas ou irregulares.

Desde o Regimento de 1548, redigido pelo Conde da Castanheira e dado a Tomé de Sousa, primeiro Governador Geral, se estruturaram as Companhias de Ordenanças no Brasil, comandadas em cada Capitania pelo respectivo Capitão-mor, assessorado por um Alcaide. Tomé de Sousa trouxe de Portugal 600 homens de infantaria regular, primeira força do exército português na nova colônia. D. Duarte da Costa, seu sucessor, organizou as primeiras ordenanças na Bahia, quando teve de dar combate à revolta da índia. O Regimento ora expedido pela chancelaria de D. Sebastião traz substancial reforma a essas antigas organizações militares, pondo-as de acordo com as necessidades do momento atual. As Ordenanças destinam-se aos serviços de ordem interna; serão, porém, adestradas de modo a servirem de reservas ao exército, quando necessário.

Aos senados das Câmaras competirá a indicação das pessoas que deverão exercer os postos de Capitães-mores, Capitães, Tenentes e Alferes dos Corpos e Companhias de Ordenanças, que Governadores confirmarão com a respectiva patente, sujeita a aprovação do Rei.

A nova organização das Ordenanças abrange todas as cidades, vilas e termos do Brasil. O nome das ordenanças é antigo em Portugal, usado desde fins da Idade Média para designar os corpos de vassallos convocados para a guerra. Existia também desde séculos na França com as famosas Compagnies d'Ordonnance.

MANOBRAS

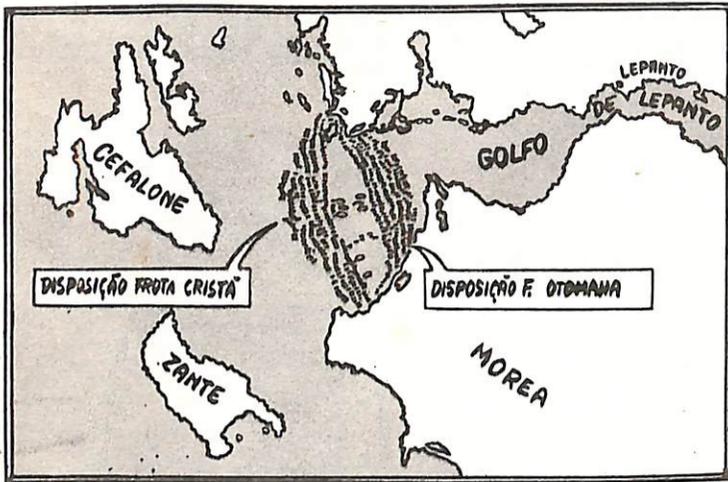
Lisboa, 1.º, outubro, 1570 (Correspondente)

Cerca de vinte companhias de milicianos a pé e uma de cavaleiros fizeram, hoje, no campo de Santo Amaro, nesta cidade, exercícios militares que foram assistidos pelo rei D. Sebastião.

Ao que se informa, tal manobra se deve ao desejo que tem o monarca de iniciar rápida campanha contra exércitos protestantes de um país não revelado.

Ao final das manobras, quando a soldadesca aplaudia o rei, D. Sebastião ficou em tal estado de excitação que o cardeal D. Henrique teve de levá-lo rapidamente para repousar.

Lepanto, marco da cristandade



As duas frotas inimigas estavam assim dispostas: os aliados fecharam a boca do golfo e os turcos ficaram encurralados. Contavam com o vento, mas o vento mudou.

Lepanto dia a dia

20/5/1571 — Assinado depois de 11 meses de marchas e contra-marchas, o tratado da Santa Liga, entre os Estados Pontifícios, Veneza e Espanha coligados contra os otomanos. O general em chefe é d. João d'Austria, tendo como substituto e tenente-general Marco António Colona, comandante pontifício.

20/8 — Com toda a Armada Cristã fundada em Messina, chega o bispo Odescalco para dar a bênção e as indulgências papais.

9/9 — A frota turca se encontra em águas de Valona e se dirige para Corfu e Morea.

15/9 — Zarpa de Messina a esquadra cristã em ordem de batalha.

19/9 — Funde a esquadra junto ao cabo Colunas. A esquadra otomana se encontra em águas da Morea com ordens de aniquilar a frota cristã.

23/9 — Zarpa d. João rumo a Corfu.

26/9 — Estamos à vista de Corfu. Há 10 dias a esquadra turca tentou conquistar este porto. A orla marítima foi incendiada e seus habitantes massacrados. Fundeamento em Gumeniza em frente de Corfu.

27/9 — Parte uma esquadilha de reconhecimento.

29/9 — As 4 horas da tarde volta um navio informando que a esquadra otomana se encontra internada no golfo de Lepanto.

30/9 — Revista geral das tropas e navios. Manobras e combates simulados excelentes.

3/10 — D. João zarpa de madrugada rumo à ilha Cefalônia.

4/10 — A esquadra chega às águas de Santa Maura. Um outro navio da esquadilha de reconhecimento informa que efetivamente o inimigo está em Lepanto.

6/10 — Sábado. Chegamos ao porto de Petela. D. João convoca o Conselho. Muito suspeita a atitude dos turcos permanecendo dentro do golfo, sem nenhum sinal de hostilidade. Que armadilha estarão preparando?

7/10 — Primeiro domingo de outubro. Antes do amanhecer a frota levantou ferros em direção a Lepanto.

7 DE OUTUBRO — A BATALHA

6 horas — Aparece uma pequena esquadilha turca. Ao ver a frota cristã retorna às pressas para o fundo do golfo.

8 — Ao longe surge a esquadra turca. Velas enfunadas e remos em ação, vem em direção à de d. João.

8,30 — A frota em ordem de batalha. D. João, em barco especial, passa em revista os navios, e sob aclamações vai falando às tropas. Aos 10 mil forçados que remam nas galeras cristãs é prometido o perdão e a liberdade para os que se destacarem na luta.

9 — Um grande crucifixo é erguido junto ao estandarte da Liga no navio capitânia de d. João. É o sinal para que todos se prostrem de joelhos recebendo indulgência plenária dos jesuítas que se encontram nos barcos.

10 — Aproxima-se o «Turco». Uma atividade febril toma conta de todos os navios. O vento que favorecia os turcos às primeiras horas, sopra, agora, milagrosamente à nossa pópa.

12 — Estamos a tiro de canhão uma esquadra da outra. Os turcos fazem o primeiro disparo. D. João comanda a resposta postada na proa da sua galera, coberto de reluzente armadura. A uma ordem sua começam a soar num ruído fantástico os tambores e clarins cristãos. Objetivo: abafar os gritos terríveis que partem da frota turca e que podem apavorar os soldados e marinheiros na maioria novatos nas lutas contra otomanos.

12,15 — As galeras cristãs fazem cair seus esporões de proa previamente serrados. É uma surpresa para os turcos. Nossos canhões podem, assim, atirar mais baixo. A desvantagem de perder o esporão ou arlete de proa para abalroar o inimigo, corresponde a maior liberdade de ação para a artilharia.

12,30 — A batalha está começada. Aproxima-se cada vez mais o vozerio selvagem e ameaçador dos milhares de otomanos. Chocam-se as esquadras.

15 horas — Sobre o mar uma multidão de corpos, pernas, braços, cabeças decepadas. Estalar de remos e galeras que se partem. Fogo e sangue por todos os lados. Tiros de canhão e de areabuz em meio à nuvem de setas dos otomanos. Gritos, gemidos, maldições, preces, como no inferno de Dante. Uma confusão demoníaca envolve as esquadras, os navios misturados numa assombrosa desordem. As espadas e as cimitarras decepam cabeças sem cessar. Ninguém sabe ainda de quem será a vitória.

17,30 — A cabeça do almirante Ali-Paxá, exibida na ponta de uma lança no convés da sua galera-capitânia, decreta a rendição turca. Foi um forçado das galeras cristãs quem, ao ver Ali-Paxá tombado ferido na luta que travava contra as tropas de d. João em seu próprio navio, precipitou-se sobre o comandante turco e decepou-lhe a cabeça, erguendo-a. Aclamações selvagens e delirantes saudaram a aparição. O pavilhão otomano — o sagrado «Sanjac» — foi descido do topo do mastro e em seu lugar hasteada a bandeira cristã com a imagem de Jesus crucificado.

18 horas — Morre o dia. Os navios otomanos vão sendo afundados ou se entregam um a um. Só escaparam 30 galeras sob o comando do mais bravo e mais competente lobo do mar otomano, «Eudj-Alli» — para nós Ochliá ou Luchali.

19 horas — Vencida a batalha, a esquadra cristã navega lentamente para o porto de Petela, tendo a reboque os barcos turcos aprisionados. Tempo ameaçador.

21 horas — Desaba a tempestade. Tufão e ondas gigantes erguem-se sobre o mar. Escapamos por pouco.

NO DIA SEGUINTE

8/10 — D. João, Colona, Dória, Resquenses, Veniero e os demais comandantes voltaram à entrada do golfo de Lepanto, local do inferno da véspera. Um silêncio tumular pairava sobre as águas. De bordo, um panorama tétrico: de ambos os lados do golfo, em toda a extensão das praias, milhares de cadáveres cristãos e otomanos se empilham nas posições mais grotescas. O terrível temporal da noite passada os atirou ali, misturando cristãos e infiéis que ainda ontem, cheios de vida, se guerreavam valentemente.

Cabeça de turco na ponta da lança pôs fim à batalha

Petália, Grécia, 9, outubro, 1571 (Do enviado especial Hans Nölli, cavaleiro da Guarda Suíça de S. S. Pio V)

A cabeça de Ali-Paxá, o «kapudan» (generalíssimo turco), pendurada na ponta de uma lança foi o sinal de vitória das esquadras coligadas da Espanha, do Vaticano e Veneza, comandadas por D. João d'Austria, um almirante de 26 anos, na batalha que travaram contra os turcos, anteontem, à entrada do golfo de Lepanto.

Na confusão que se seguiu, alguns navios do corsário Luchali furaram o bloqueio dos aliados e rumaram para Argel, sendo perseguidos pelo almirante João Andrea Dória, de conhecida família de armadores e marinheiros.

No local da batalha, entre destroços de navios, milhares de sobreviventes turcos tentaram desesperadamente alcançar o litoral grego.

Relatórios oficiais do alto comando aliado informam que os turcos perderam 224 navios, dos quais 130 foram capturados e 94 incendiados. Cerca de 25 mil de seus soldados morreram em combate. Mais de 10 mil cristãos escravos dos turcos e empregados como remadores das suas galeras foram libertados. O número de prisioneiros feito pelos aliados sobe a 5 mil.

As forças da Espanha, Vaticano e Veneza perderam 15 navios e tiveram 8 mil homens mortos. As maiores baixas ocorreram entre os venezianos, que, combatendo numa ala da esquadra, suportaram tremenda operação de envolvimento.

O almirante D. João d'Austria revelou-nos que seu plano geral de combate obedeceu a algumas determinações do almirante Garcia de Toledo, bastante experimentado em combates com os turcos.

ALIANÇA DIFÍCIL

No momento em que se festeja o triunfo de Lepanto, recordamos aos nossos leitores as dificuldades para estabelecimento da aliança entre espanhóis, o Vaticano e Veneza.

Depois de marchas e contra-marchas, e quando se noticiava já que os turcos operavam contra Chipre, os venezianos aceitaram participar da Liga contra os turcos. Outra dificuldade a vencer foi o objetivo prático da aliança. Os espanhóis queriam que se atacasse os inimigos em Argel, Túnis e Trípoli. Os venezianos pretendiam desenvolver a campanha no Levante.

Nesses recuos e avanços se gastaram 11 meses, de junho do ano passado a maio. O último obstáculo foi o que se referia ao comando da esquadra. Os venezianos eram contra a chefia espanhola. Mas o ponto de vista da Espanha, que entrou com três sextos da expedição, (Veneza com dois sextos e o Papado com 1 sexto) acabou prevalecendo. A escolha recaiu mesmo no filho de Carlos V e irmão de Filipe II.

INÍCIO DAS OPERAÇÕES

A concentração dos navios aliados se fez em Messina, na Sicília. Eu e dois companheiros da Guarda-Suíça, Alberto e Josué Sallis, fomos escolhidos para partir para o teatro de operações pelo próprio Gonfaloneiro da Igreja Romana.

No dia 17 de setembro último, toda a esquadra aliada (mais de 300 navios: 100 galés e 6 galeras venezianas, 12 galeras e fragatas do Papa e 180 embarcações espanholas, com perto de 80 mil tripulantes), partimos de Messina para Corfu, aonde chegamos no dia 26. Depois de passar por Gumeniza (dia 30), fundeamos em Cefalônia, no dia 5 de outubro.

Aí, por um barco grego, soube das atrocidades de Mustafá-Paxá no ataque a Famagusta, em Chipre. A relação destes crimes foi lida em todos os navios, em vários idiomas, para que os soldados e marinheiros, inclusive os remadores (em geral condenados de direito comum, prisioneiros de guerra etc.) tivessem maior vontade de combater.

TURCOS EM LEPANTO

Com vento favorável, partimos de Cefalônia. Cruzamos a costa à vista da Albânia e uma galera avançada veneziana veio comunicar ao almirante que os turcos estavam em Lepanto. Rumamos em direção sul. Em conselho de capitães convocado por D. João, o alto comando comunicou sua intenção de atacar imediatamente o inimigo.

O entusiasmo juvenil de D. João d'Austria arrastou os comandados e em poucos instantes a esquadra inimiga foi avistada dentro do golfo.

Eram aproximadamente 300 navios.

FORMAÇÃO PARA COMBATE

Os turcos tomaram posição de batalha, mal amanheceu o dia 7. Seus navios se dispuseram em meia-lua, com a retaguarda garantida pelo litoral grego.

A direita, estavam as grandes galés egípcias do val de Alexandria, Maomé Siroco. A esquerda, as ligeiras embarcações do bel de Argel, Luchali. O centro da meia-lua era comandado pelo paxá Perteu, com galeras de Istambul, Esmirna, Trebizonda e Salonica. Tudo isso sob um mar de fâmulas vermelhas e verdes com crescentes de ouro. O generalíssimo de Selim II, Ali-Paxá, colocara sua capitânia empevadada no centro da linha de batalha e dispusera uma reserva de galés e fustas à sua retaguarda.

A esquadra da Liga tomou também a forma de meia-lua. Tinhamos a nosso favor o vento, que nos levava ao encontro do inimigo. Na extrema esquerda ficaram as galés e esperonaras do Barbarigo de Veneza, que deviam tentar uma manobra de envolvimento. A ala direita ficou sob o comando de Dória, com navios de Veneza e da Espanha. No centro a galera da Ordem de Malta de conserva com a capitânia de D. João d'Austria, à frente das esquadras espanhola e do Papa. Cerca de 30 navios, rápidos, ficaram de reserva, sob o comando de D. Álvaro de Bazán.

DESTRUIÇÃO

Muitos dos detalhes que aqui fornecemos foram obtidos dos próprios prisioneiros turcos, após a batalha. Um oficial inimigo confessou-me que o Kapudan-paxá só aceitara o combate por considerar o armamento cristão inferior ao seu.

Já engajara sua vanguarda na luta, quando se deu conta de seu engano. O próprio vento, disse o oficial, ao início do combate empurrava a dianteira turca contra nós. Instantes depois, mudava de direção e soprava a favor dos aliados.

Duzentos mil homens esperaram em silêncio o sinal de atacar. De repente, um disparo feriu o ar e trombetas e tambores soaram para abafar os gritos de guerra dos turcos. Os navios se misturaram e as bênçãos latinas dos frades se perdiam em meio ao alarido dos piratas barbarescos. Das gáveas, os mosqueteiros despejavam seus tiros nos convéses ensangüentados.

Na ala esquerda, soube-se que o Barbarigo, para não ser envolvido, teve de travar séria luta. Em consequência, recebeu grave ferimento no olho. A direita, Dória teve de ser socorrido pela reserva de Bazán. No centro, os turcos, tentando o rompimento, se apoderaram da galé do Prior de Malta e os bravos cavaleiros foram mortos a espada. O próprio navio do Kapudan atacou a capitânia de D. João d'Austria. Um tiro perdido atingiu o chefe turco e logo os soldados lhe cortaram a cabeça. Com ela na ponta de uma lança os inimigos se deram



ALMIRANTE COLONA
Ação destacada em Lepanto

por perdidos. Apenas Uluch Ali, com suas embarcações ligeiríssimas, resistiu em movimentos ondulantes. Em seguida, conseguiu uma passagem, entre o centro e ala direita da esquadra da Liga.

Após a vitória, teve início a cerimônia da libertação dos remadores cristãos aprisionados pelos turcos. Muitos deles, dificultando as manobras da esquadra turca, ajudaram a vitória das armas cristãs.

No consenso geral, com a derrota do dia 7, a esquadra otomana perdeu de vez a supremacia naval no Mediterrâneo. Para levar a notícia da grande vitória a seu irmão, o almirante D. João d'Austria designou o capitão Lopo de Figueiroa. O generalíssimo entende que o poderio turco está aniquilado.

POETA COMBATEU

Quando se organizou a esquadra para a batalha, meu navio ficou ao lado da galera espanhola «La Marquesa». Durante o combate, ficamos impressos entre ela e uma galera turca. Durante a abordagem, eu e meus companheiros Alberto e Josué de Sallis tivemos de socorrer a «Marquesa», invadida pelos turcos.

Combatemos ali ao lado de um espanhol de 24 anos, Miguel de Cervantes, que lutava, apesar de doente. Sofreu ferimentos de certa gravidade na mão esquerda e no peito.

Miguel é poeta e goza de algum prestígio entre os oficiais da esquadra. Contam que foi protegido do cardeal Acquaviva. O almirante ordenou sua imediata transferência para um hospital de Messina, onde será tratado. Pela sua bravura, seu soldo foi aumentado de mais 3 escudos-ouro por mês.

Pessoalmente, lamento também não ser poeta para fazer versos sobre os estandartes turcos que tomel. A mim, o almirante apenas me deu felicitações.

VENEZA DANÇOU

Veneza, 19, outubro, 1571 (Urgente)

A chegada hoje de uma galera do general Veniero trouxe o delírio ao povo e ao governo com a notícia da vitória de Lepanto. As autoridades se reuniram na Igreja de S. Marco tendo sido cantado um Te-Deum. O povo canta e dança nas ruas e os tripulantes da galera são carregados em triunfo pela cidade.

As últimas horas da noite partiu a toda brida um correio para Roma a fim de levar a notícia ao Papa.

ROMA SABE

Roma, 22, outubro, 1571 (Urgente)

Batendo todos os recordes de velocidade por terra, um cavaleiro chegou ontem à noite de Veneza trazendo a notícia da esmagadora vitória cristã.

Desde o Papa até o mais humilde servidor da Santa Sé, ninguém dormiu a noite passada. A notícia foi transmitida a toda a cidade ao som dos sinos que repicam festivamente. Sua Santidade rezou um Te-Deum na Igreja de S. Pedro ante considerável massa popular.

A reportagem de O BRASIL EM JORNAL ouviu o Chefe Supremo da Igreja que, com alegria indistigável, nos prestou as seguintes declarações: — «O rei Filipe II tem de que se orgulhar eternamente. Seu general, d. João d'Austria, superou em heroísmo e arrojo a quantos generais de esquadras se conhecem desde Cristo. É preciso, no entanto, não esmorecer e voltar a atacar os infiéis assim que a situação o permita.»

Depois da batalha

1 — Terminada a batalha de Lepanto, a maior batalha naval de todos os tempos, podemos apresentar os leitores o seguinte quadro de perdas de ambos os lados, ao fim de apenas 5 horas de luta.

OTOMANOS — Das 300 unidades navais de que se compunha sua frota, só escaparam 30 sob o comando de Luchali. Cerca de 50 foram postas a pique ou inutilizadas. 130 galeras com 400 canhões foram apresadas em perfeito estado.

Foram libertados 3 mil escravos turcos e 15 mil cristãos que remavam nas galeras otomanas. Foram feitos prisioneiros cerca de 10 mil infieis.

Mais ou menos 15 mil deles perderam a vida, entre os quais cerca de 200 chefes otomanos de primeira grandeza, 30 governadores de província, 160 capitães e os seus almirantes, com exceção de Luchali.

Entre os prisioneiros importantes contam-se os filhos de Ali-Paxá e o próprio chanceler do Império Otomano.

CRISTÃOS — Afundadas 14 galeras venezianas, 2 do Papa e 1 de Malta. Morreram 8 mil soldados durante a batalha e mais de 4 mil nos dias seguintes, vítimas de graves ferimentos. Outros 10 mil combatentes ficaram feridos. Menos da terça parte dos efetivos cristãos — 8.000 homens — escapou ilesa.

Além de alguns capitães, o único dos grandes comandantes que perdeu a vida foi Barbarigo, de Veneza.

2 — Considerando-se a Espanha no seu todo, isto é, com seus domínios extra-fronteiras, — principados alemães, domínios italianos, etc. — sua contribuição para a esquadra cristã foi a seguinte:

81 galeras e 20 navos, no total de 101 barcos; 7.000 espanhóis; 7 mil alemães; 6 mil italianos e mais 2.000 aventureiros e voluntários por sua própria conta.

Total: 22 mil homens.

3 — Depois da batalha d. João se gabava: — «Nem um só soldado inimigo conseguiu pôr os pés em galeras construídas nos estaleiros espanhóis.»

4 — Luchali utilizou, em larga escala, nas suas sortidas sobre os navios de Andréa Dória, o recurso da camuflagem. Fazendo constantes disparos para o alto, com grande quantidade de pólvora, conseguia estender sobre as águas uma extensa e espessa cortina de fumaça que escondia seus navios.

Essa moderníssima tática de guerra naval foi um dos fatores que deu ao temido pirata a chance de, além de escapar com suas galeras, causar danos aos cristãos.

5 — O choque inicial da batalha foi sofrido pela frota turca, quando, ao investir furiosamente em toda a linha, encontrou pela frente, meia milha adiante dos navios cristãos, as seis galeças venezianas, verdadeiros encouraçados de mobilidade nula mas de extraordinária potência de fogo com suas dezenas de canhões.

Os disparos dessas galeças sobre os navios turcos desbarataram, pelo menos por momentos, a linha de frente da esquadra otomana. De saída, duas galeras inimigas foram afundadas e muitas outras sofreram consideráveis danos, mas o que de fato valeu nessa manobra estratégica foi a desorganização provocada na formação inicial de Ali-Paxá, que se refletiu durante todo o combate.

Dai por diante terminou o papel das galeças que, não têm nenhuma capacidade de manobra.

6 — Muitos perguntam porque a frota turca se internou no golfo de Lepanto, ficando, assim, encerrada. No entanto, segundo apuramos junto a alguns capitães otomanos prisioneiros, a tática de Ali-Paxá fora estabelecida para não só abrigar a frota das tempestades, como, também, para reabastecer-se de homens, vitualhas e bebidas.

Falharam os seus planos. Paxá pretendia sair pela madrugada para surpreender os cristãos fora da barra do golfo, cercá-los e esmagá-los na impossibilidade de fuga. No entanto, d. João madrugou mais que Ali e, quando este abriu os olhos já os cristãos ocupavam completamente a saída do golfo.

7 — D. João, o generalíssimo da esquadra cristã, foi ferido levemente num dos pés.

8 — Apuramos que o mais completo lóbo do mar otomano, Ochal ou Luchali, foi inteiramente contrário à batalha com os cristãos. Sua opinião foi vencida no conselho turco. Entre as ponderações que fez sobre a superioridade da frota de d. João

figurava a de que ambas as esquadras contavam com remadores cristãos.

Enquanto isso constituía uma extraordinária vantagem para d. João, para os turcos era um imenso risco, pois os escravos tudo fariam para sabotar os barcos em que remavam.

No final, verificou-se que Luchali tinha toda a razão. E só ele escapou da destruição total.

9 — Entre os cristãos as armas utilizadas foram mosquetes, arcabuzes, lanças e espadas afiadíssimas. Os otomanos batalharam com setas, dardos, cimitarras e relativamente muito poucos arcabuzes.

10 — Também mulheres estiveram nesta terrível batalha de Lepanto. Uma delas se destacou pela sua coragem, força e pontaria: matou dezenas de turcos a tiros de arcabuz. Recebeu, por isso o grau de «soldado» no terço espanhol de Lope de Figueroa.

11 — Os dois filhos do almirante Ali-Paxá, comandante turco, foram aprisionados pelos cristãos. Um tem 17 anos; o outro, 13.

12 — Um suave vento soprado do poente e, portanto, na popa das embarcações cristãs, em muito auxiliou a esquadra de d. João, enquanto prejudicava seriamente os otomanos. Pouco tempo antes de soprar esse vento, que foi um dos fatores decisivos da batalha, a esquadra turca contava com vantagem de manobra.



MIGUEL CERVANTES
Vitória custará mão ao poeta-soldado?

NOMEAÇÃO PROVOCA EMBARGO

Rio de Janeiro, 26, novembro, 1571

Havia franceses em Cabo Frio (falava-se que havia) e Julião Rangel foi mandado às pressas à Bahia pedir auxílio ao governador Men de Sá.

Agora, Rangel voltou sem auxílios e com duas nomeações para cargos públicos nesta cidade. Uma delas, ao que parece, vai ocasionar acesa disputa: Rangel foi nomeado para cargo que já tinha titular e o efetivo pretende embargar sua nomeação.

MUITO ESCRIVÃO

Em 5 de outubro último, já em Salvador, Rangel obteve de Men de Sá sua indicação para escrivão da Câmara do Rio. No dia 11 do mesmo mês, a pretexto de que se sacrificara nas lutas pela fundação da cidade, voltou ao governador e pediu que o nomeasse para escrivão de órfãos no Rio. Men de Sá tornou a atender a seu pedido.

Chegado ao Rio, Rangel apresentou suas nomeações e se empossou no melhor posto (escrivão de órfãos). Aconteceu que Pedro da Costa, já escrivão de órfãos, e embargou a nomeação.

Despacho de Salvador de Sá ao protesto de Costa: «quem já é tesoureiro dos defuntos (Pedro da Costa) não pode ser escrivão de órfãos. Dê-se posse a Rangel, que já prestou fiança para assumir o cargo.»

Em declarações que nos fez, Pedro da Costa disse que vai levar seu protesto adiante, pois se sente com direitos adquiridos a ambos os cargos. Por outro lado, disse-nos, Rangel, conforme o próprio O BRASIL EM JORNAL noticiou, está envolvido no assassinio da prala e é pessoa contraindicada para responder pelos interesses dos órfãos.



JOAO D'ÁUSTRIA
Modicade comandou vitória sobre turcos

GRANDE VENCEDOR

O grande comandante da frota cristã que obteve sobre a armada turca o formidável triunfo de Lepanto — João de Áustria — já é figura da História. Eis, em rápidos traços, o que são os 26 anos deste jovem predestinado:

Filho natural do «césar» Carlos V, numa aventura amorosa do imperador em Ratisbona, com Bárbara Blomberg, filha de um dos mais abastados comerciantes da cidade, foi enviado para Espanha, ainda pequeno. Lá cresceu, humildemente, sob o nome de Jerônimo, em Leganés, nas cercanias de Madri.

Aos nove anos foi confiado à custódia de D. Madalena de Ulloa, mulher de D. Luis de Quijada, passando a morar perto de Valladolid.

Depois de reconhecido como filho natural de Carlos V, e portanto príncipe, Filipe também o reconheceu como irmão — em setembro de 1559 — admitindo-o à corte. Filipe logo vislumbrou as qualidades de comando em seu meio-irmão e em 1568 nomeou-o capitão-geral da frota espanhola no Mediterrâneo, onde ele combateu com êxito os corsários argelinos. Dai para a frente sua carreira foi uma seqüência de sucessos militares. Submetendo os mouros insurrectos, de Granada, distinguiu-se pessoalmente como comandante de tropas nas ações de Guejar, em 1569, e do forte de Galera, em 1570.

Lepanto, a 7 de outubro deste ano, é sua consagração definitiva. Lá, foi ele o principal vitorioso.

NOVO GOVERNO PARA O RIO

Lisboa, 31, outubro, 1571 (Correspondente)

A cidade do Rio de Janeiro, fundada por um Sá (Estácio), salva dos invasores franceses por outro Sá (Men) e governada até agora também por Sá (Salvador) terá, a partir de hoje, na chefia de seu governo, o capitão Cristóvão de Barros, que há quatro anos ali esteve, comandando um reforço expedicionário para expulsar os invasores calvinistas.

O ato foi hoje sancionado por D. Sebastião e o novo governador partirá breve para o Rio.

Cristóvão de Barros é filho do antigo donatário Antonio Cardoso de Barros, que foi assassinado pelos índios.

Europa não gostou

(Condensado de nossos correspondentes em Paris, Londres, Gênova, Países Baixos)

A vitória de Lepanto não agradou à própria França católica, por motivos políticos e religiosos, em parte. A repercussão foi diversa da que se esperava.

França, Inglaterra e Alemanha, já insuflando a rebelião contra a Espanha nos Países Baixos, receiam que os espanhóis preponderem em toda a Europa. Por outro lado, alguns Estados italianos temem que a Espanha sacrifique a relativa independência de que gozam.

Do ponto de vista religioso, os huguenotes franceses consideram a Espanha como o principal obstáculo para a constituição de um estado calvinista na França. A propaganda reformista na Inglaterra também é da mesma opinião e na Suíça pensava-se em espalhar o calvinismo através da Lom-

bardia e por aí por toda a Itália.

Receia-se também que Filipe II se apodere da Grécia, Albânia e costas do Adriático para aí estabelecer um reino dependente da coroa espanhola.

A Inglaterra tem como certa a declaração de guerra por parte de Filipe, agora que ele se considera desembaraçado dos turcos. Sabe-se que existe um plano para romper a Liga antiturca. O primeiro passo é intrigar Veneza com a Espanha. O duque da Toscana, apesar de amigo de Filipe II, estaria nesses conluios.

Tempo que passou depois de Lepanto

Madri, 30, dezembro, 1571

O tempo não parou depois da batalha de Lepanto e os acontecimentos se atropelaram de tal forma que, hoje, para dar a nossos leitores uma idéia aproximada do que se passou após a batalha, reproduzimos em resumo e cronologicamente as principais notícias vindas dos nossos vários correspondentes.

28/10 — Deu-se por finda a expedição aliada. A esquadra foi dissolvida temporariamente. Os venezianos ficam em Corfu, isoladamente.

31/10 — A cidade recebe a notícia da vitória em Lepanto, por intermédio de um agente de Veneza. O cardeal Alexandre, legado do Papa, foi à igreja de Santa Maria rezar missa pela vitória. Nesse mesmo dia D. João chega ao sepulcro de Messina e comunga com seu séquito.

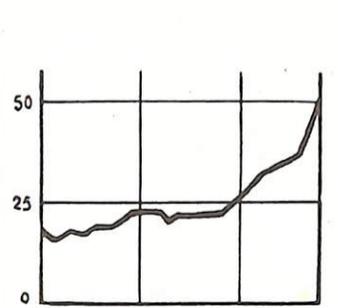
18/11 — Mensagem oficial

da vitória chega a Madri. Figueiroa traz cartas de D. João contando o que foi a batalha.

4/12 — Colona entra em Roma solenemente, como triunfador de Lepanto.

O ano termina com dois boatos: a Turquia e Veneza fariam pazes em separado e a frota espanhola de D. João atacaria Constantinopla. A população muçulmana desta cidade viveu momentos de pânico e de expectativa, mas ataque mesmo não houve pelo menos até o dia de hoje.

JORNAL ECONÔMICO



últimos dois anos, quase a duplicar de preço.

PREÇOS

O melo hectolitro de feijão custava na Espanha 272 maravedis, em 1555. Hoje custa cerca de 450 maravedis.

GREVE

Paris, 1571

Terminou nesta cidade e em Lion a grande greve dos impressores, que lutavam por melhores salários e por menos horas de trabalho. Diante do que pleiteavam, os grevistas conseguiram muito pouco, mas se contentaram.

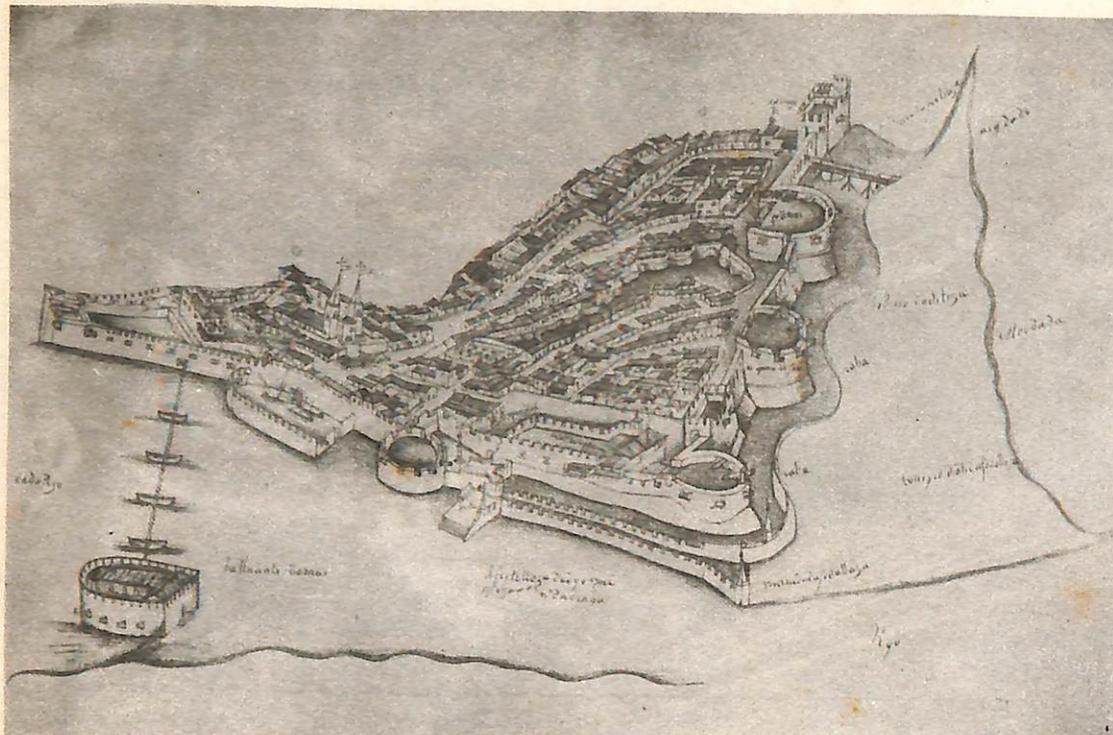
DINHEIRO

Os países que negociam com a Espanha, principalmente os portos de La Rochelle, Bayonne, Bordenaux, estão abarrotados de moedas espanholas em ouro e prata. Como o dinheiro espanhol tem valor quase universal, é fácil ver a situação dos fornecedores.

CENTEIO

Voltou a subir o preço do centeio em Munique. O produto, que vinha sofrendo altas e baixas de arruinar o mais previdente produtor, chegou, nos

PORTUGUESES DERROTAM COLIGAÇÃO DE REIS



Goa, dezembro, 1571 (Correspondente)

Pouco mais de 4 mil portugueses e aliados derrotaram uma coligação de reis asiáticos — sob a proteção de Selim II da Turquia — que pôs em ação cerca de 300 mil soldados, contra três praças: esta cidade, Chaul e Chalé.

Há dois anos, houve ataques esporádicos contra algumas cidadelas portuguesas, fazendo prever uma operação em larga escala. Apurou-se que o Hidalcão Aleidaxá, o Nizamaluco Xaoxém e o Samorim haviam estabelecido uma aliança ofensiva contra o governo português. O Nizamaluco atacaria Chaul, Damão e Baçaim. O Hidalcão reservava-se para a conquista da ilha de Goa, Onor e Bracelor, enquanto o Samorim desfecharia a ofensiva contra Cananor, Mangalor, Cochim e Chalé. Paralelamente, o rei de Achém renovaria seus ataques a Málaca.

Os golpes foram realmente desfechados quase ao mesmo tempo, com ligeiras modificações no plano inicial.

GOA HERÓICA — Esta é Goa, capital do império português na Índia e que acaba de dar ao mundo exemplo impar de heroísmo. Dentro de seus muros, pouco mais de milhar e meio de portugueses resistiram 10 meses às investidas de 100 mil soldados do Hidalcão Xaoxém. O invasor prometera, ao atacá-la, varrer os chãos da cidade com as próprias bandeiras de Portugal que por acaso encontrasse. Mas seus planos falharam redondamente. O governador da Índia, Luís de Ataíde, deu mostras de raro tino psicológico. Nosso correspondente, a seu respeito conta: Xaoxém, fanfarrão, assegurava a suas tropas que entraria em Goa num corcel branco. Para isso, mandou aterrar o passo fronteiro à ilha de João Lopes. Ataíde enviou-lhe um cavalo branco e pelo mensageiro o seguinte recado: «Fico a sua espera com as honras devidas a tão alto príncipe.»

"Soldado-poeta" vai publicar grande poema

Lisboa, 1571

O poeta Luís de Camões, que ficou fora de sua pátria mais de vinte anos, regressando a Lisboa em 1569, trouxe consigo o manuscrito de um longo poema, em que narra, segundo declarou à reportagem de O BRASIL EM JORNAL, toda a epopéia de Vasco da Gama, e acaba de conseguir licença para publicá-lo, depois de alguma luta com a Santa Inquisição.

O poeta contou-nos que a maior parte do poema foi redigida em Macau, quando, de regresso de Goa, desfrutou da fase mais sossegada de toda sua jornada: era «Provedor-mor dos defuntos e ausentes». E acrescentou:

— Mas o arcabouço já estava pronto, inclusive a redação iniciada, embora apenas uma pequena parte, quando do meu primeiro exílio, em Santarém. Deus sabe do esforço que fiz para salvar este manuscrito, quando, voltando a Goa, naufragamos nas costas da Cochinchina e dei à praia, a nado, conservando sempre o poema em uma das mãos que mantinha acima d'água. Todo este esforço, porque, no poema, pretendo perpetuar as glórias e as tradições da gente lusitana.

— É claro que andava aprensivo com a concessão ou não

da licença para publicação por parte do Santo Ofício. Agora que acabo de conseguir a licença, quero ver se o faço ainda este ano ou, no máximo, no ano que vem. Posso adiantar que já estou iniciando meus entendimentos com uma casa impressora.

A reportagem de O BRASIL EM JORNAL pode informar com segurança aos seus leitores, que o poeta está em negociações com a casa de Antônio Gonçalves aqui mesmo, em Lisboa.

Antes de se despedir, Camões não quis deixar de agradecer, publicamente, os muitos favores que lhe prestou o seu amigo, D. Constantino de Bragança a quem deve o cargo que desempenhou em Macau, e, em grande parte, a oportunidade que teve de terminar o seu poema.

A SITUAÇÃO NOS PAÍSES BAIXOS

Londres, 1571

O pirata inglês John Hawkins prestou um grande serviço aos revoltosos dos Países Baixos, ao atacar uma frota espanhola que se dirigia para essa região e que conduzia todo o dinheiro para pagamento das tropas do duque de Alba.

Esse dinheiro agora servirá para liquidação das letras protestantes vencidas na França.

Países Baixos, 1571

O duque de Alba está mandando erigir em praça pública uma estátua que é um acinte à população. Será representada a figura dele esmagando sob os pés os rebeldes e restaurando a religião.

Soubemos, ainda sobre Alba, que o Papa Pio V declarou a amigos íntimos que o considera um novo Gedeão do cristianismo.

AJUDA

Paris, 1571

Deverá entrar em execução, breve, o plano de ajuda da França aos huguenotes dos Países Baixos. Essa ajuda consistirá no envio de tropas mercenárias mobilizadas por Coligny com o apoio do rei e de Catarina. Não se sabe até que ponto a regente levará o plano, já que é conhecido o seu temor à força militar de Filipe II.

PINTURA

Um môço grego de nascença, de nome Domênico Theotocopoulos, mais conhecido nas rodas artísticas como o «Grego», está fazendo sucesso em Roma por seu extraordinário talento. Domênico nasceu em Cândia e dizem que em Veneza foi aluno de Ticiano.

★

Ticiano recebeu uma encomenda do governo espanhol: pintar uma alegoria sobre a vitória dos aliados católicos contra os turcos em Lepanto.



Veronese pintou para o refectório do convento de São Sebastião a «Refeição na Casa de Simão, o Leproso». Trata-se de um quadro com a mesma e bela marca de quem tem o dom da cenografia e é autor das «Bodas de Caná».

a nós, referindo-se aos muros que cercam a cidade e a tornaram inexpugnável:
— «Muro, não te fez Dom Antão, mas Santo Antão!»

CONTRA O CURRAL

Simultaneamente à ofensiva em Goa, tropas (perto de 100 mil soldados) do Nizamaluco fecharam o anel em torno de Chaul. Para o rei atacante, a cidade não passava de um curral e um seu auxiliar, Fratação, dada a inutilidade do ataque, observou-lhe:

— «É um curral, mas está cheio de leões!»

Chaul resistiu como Goa, e os sitiados desistiram de ocupá-la.

Em junho deste ano, quando o Nizamaluco e o Hidalcão se preparavam para suspender o cerco àquelas cidades, o Samorim de Calicute, com 100 mil homens, sitiou a praça estratégica de Chalé.

Em seu interior, pouco mais de 80 soldados, sob o comando de um homem de 80 anos, Jorge de Castro, barraram-lhe a investida inicial. Mas a cidade parecia perdida. Chegara um auxílio sob o comando de Francisco de Sousa, que não pudera passar pelo cinturão das tropas do Samorim. O próprio Sousa resolveu a situação: com barris de pólvora abriu brecha entre o inimigo e chegou ao interior da fortaleza. Chalé manteve-se graças a seu heroísmo.

HERÓI DEIXA GOVERNO

Goa, dezembro, 1571 — O governador Luís de Sousa, vencedor da coligação de reis asiáticos contra o domínio português, findo seu período governativo partiu para Portugal. Seu substituto será o sr. Antônio de Noronha.

Antes de embarcar, um soldado mostrou-lhe uma bala que atingira, no auge do cerco de Goa, o peito do governador.

«Ficará como lembrança, disse-lhe o soldado. Foi a que meu comandante mandou dar de presente ao arcebispo, em troca do prato de figos que êle lhe enviou e de que fui portador.»

Realmente, a troca de presentes entre o governador e o arcebispo ocorreu. Ao enviar a bala, observou Luís de Ataíde:

«Esta é a fruta com que a sorte me regala nos pomares da guerra.»